



O Norte, o Sul e suas clivagens: Produção de conhecimento e equidade de gênero Entrevista com Raewyn Connell

Apresentação

Cláudio Costa Pinheiro¹

Fundação Getúlio Vargas

Raewyn Connell – professora catedrática da Universidade de Sidney – é um dos nomes mais relevantes do quadro contemporâneo das ciências sociais.

Embora tenha realizado sua formação intelectual inteiramente na Austrália – BA em História e Psicologia pela Universidade de Melbourne (1966) e PhD em Ciência Política pela Universidade de Sidney (1970) – construiu uma carreira internacional bastante dinâmica. Possui pós-doutorado em sociologia pela Universidade de Chicago (1970) e foi professora visitante na Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, Alemanha e África do Sul. Iniciou suas atividades docentes em 1967, tendo ocupado posições de *lecturer* e *professor* de algumas das principais universidades australianas. Desde 2004 é catedrática da Universidade de Sidney, baseada no Instituto de Educação e Serviço Social.

Seus trabalhos ganharam notoriedade ao longo dos anos, o que fez com que alguns se tornassem referências clássicas e inescapáveis, além de figurarem entre os mais citados do mundo. Mas isso não fez de Raewyn um daqueles intelectuais que, vindos da periferia, sucumbem



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

às luzes da rue d'Ulm, no Cinquième, ou da East 16th Street, em Manhattan. Ao contrário, seu papel no contexto australiano é bastante importante. Orientou mais de 75 trabalhos (entre bacharelado, mestrado e doutorado),² possui quatro de seus livros na lista dos dez mais influentes das ciências sociais da Austrália e, em 2010, emprestou seu nome a um prêmio – Raewyn Connell Prize – oferecido a cada dois anos pela Associação Australiana de Sociologia para laurear o melhor livro de sociologia no país.

Publicou inúmeros artigos e mais de 20 livros, entre textos acadêmicos, políticos e poesia. Sua agenda contempla um gradiente de temas a um só tempo variados e centrais para as ciências sociais, muitos dos quais acompanham toda a sua trajetória acadêmica e política desde o fim dos anos 1960. Embora seja mais conhecida pelos trabalhos sobre educação, gênero e sexualidade ou sociologia de conhecimento, Raewyn interessou-se por diversas questões: classes sociais, sociologia do trabalho, mudança social, teoria social, mercado global, neoliberalismo, teorias econômicas – me avisem quando parar – intelectuais e trabalho intelectual, AIDS, escolas, adolescentes, sistema de trânsito, metodologias das ciências sociais, docência acadêmica e outros.

No debate sobre relações de gênero e identidades sexuais, temática sobre a qual publicou extensamente desde os anos 1970, *Masculinities* (1995)³ é um de seus trabalhos mais influentes, ademais um dos livros mais citados internacionalmente. Além deste, vários outros tornaram-se igualmente importantes – *Gender and Power* (1987), *The Men and the Boy* (2000) ou *Gender* (2002) – sendo debatidos em programas estratégicos de redução da violência e promoção da igualdade de gênero. Seus trabalhos no campo do gênero e educação são internacionalmente referidos no contexto escolar e recorridos como inspiração para o desenvolvimento de políticas de equidade. Alguns, inclusive, tiveram seu conteúdo adaptado para livros didáticos e nas escolas são usados em salas de aula.





O campo da educação é outro eixo central dos interesses de Raewyn e igualmente um dos que acompanharam toda a sua trajetória profissional, desde o doutorado (1971). Algumas de suas publicações neste campo construíram-lhe interlocução com a esfera governamental e tiveram seus resultados e produtos (livros, artigos, seminários e vídeos) com ampla circulação em programas de Estado, na Austrália e no exterior. Seus trabalhos sobre educação lidam principalmente com justiça social desde o próprio sistema educacional, observando de que forma as escolas produzem segregações de gênero, classe e raça a partir de rotinas de ensino, currículos escolares, seleção e financiamento de alunos.

Mas educação não é apenas um tema de pesquisa. Raewyn dá tanto peso ao seu trabalho de pesquisadora e autora como ao de docente e educadora. Nas várias universidades por onde passou, colaborou na reelaboração de currículos de disciplinas, na incorporação de novos temas aos programas de ensino da sociologia, tendo lecionado quase todas as disciplinas dos quadros de um departamento de ciências sociais. O número expressivo de trabalhos orientados revela uma intelectual dedicada a acompanhar o treinamento de novos profissionais, tanto que produziu um artigo sobre como orientar um doutorado (Connell, 1985), tantas vezes reeditado que ganhou uma versão comemorativa em 2011. Seu interesse pela docência justifica-se, outrossim, pelo entendimento de que as rotinas de ensino das ciências sociais consolidam leituras sobre o mundo social e cristalizam hierarquias (de temáticas e autores) globais da disciplina (Connell, 1991, 1997).

Da experiência do ensino de sociologia do conhecimento e da pesquisa com e sobre educação, construiu o interesse por analisar intelectuais e trabalho intelectual. Suas primeiras reflexões neste campo são dos anos 1980 (Connell, 1983, 1985), e a investigação mais extensiva é do fim dos anos 1990 e, sobretudo, dos anos 2000, tendo pesquisado tanto na Austrália como na África do Sul. Em ambos os contextos refle-



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

tiu sobre o contraste entre sociologias nacionais e a sociologia internacional (e a questão do eurocentrismo) e sobre o impacto das mudanças políticas nos dois países para a produção das ciências sociais. Um de seus livros mais recentes – *Southern Theory: the global dynamics of knowledge in social sciences* (2007) – organiza vários aspectos dessa agenda e a partir das clivagens que separam *Norte e Sul*.

Um olhar apressado imaginaria que uma agenda tão ampla de interesses faria de Raewyn uma generalista, o que não é verdade. Pelo contrário. Não obstante vários de seus trabalhos serem referências importantes para campos específicos de conhecimento, Raewyn dedicou bastante esforço para demonstrar o quanto mecanismos de exclusão operam em diálogo e como tal devem ser tratados pelos pesquisadores. Políticas de equidade de gênero e identidades sexuais precisam ser debatidas nas escolas, assim como a sociologia do conhecimento precisa considerar a geopolítica global do poder na produção de ideias. Este é o caso de boa parte de seus trabalhos sobre educação, gênero/sexualidade e sociologia do conhecimento, e também de seu livro mais recente: *Confronting Equality: Gender, Knowledge and Global Change*, de 2011, no qual renova o esforço de aproximar os eixos temáticos que caracterizaram sua carreira.

Além disso, sua obra e seu ativismo político-intelectual são de extrema coerência, produzindo diálogos e construindo pontes entre campos, mantendo sempre o compromisso de uma sociologia propositiva, ao invés de *voyerística*. Alguém que queira conhecer bem a carreira acadêmica de Raewyn Connell não pode se furtar de considerar sua trajetória pessoal, formação intelectual e experiência política em contraste com o momento histórico (australiano e global) no qual cresceu. Sua atuação como militante em movimentos sociais e na política de esquerda foi fundamental nesse sentido. Em 1966, ainda em sua graduação, aderiu

- 1166 -





ao Labor Party Australiano, sendo também uma ativista bastante engajada da New Left. Esse contexto sociopolítico tornou visíveis demandas sociais – radicalização de movimentos estudantis, do ativismo aborígine, dos movimentos de libertação feminina e gay etc. – vividas por ela como estudante e que se tornariam temas centrais em sua carreira. Mais recentemente, ela própria escreveu um artigo recuperando sua experiência na New Left e os efeitos disso em sua trajetória (Connell, 2008). Seguramente alguns de seus temas mais importantes de trabalho e que atravessam toda a sua carreira acompanham-na desde essa época.

Sua agenda profissional combina, conscientemente, uma pesquisa densa que procura audiências não apenas entre os pares acadêmicos, mas, especialmente, entre aqueles que ela estuda. Curiosamente, mesmo com esse nível de engajamento e tanta projeção internacional e doméstica, Raewyn não ocupa o lugar de intelectual público em seu país. Seu nome é uma referência mais expressiva no contexto de ONGs e do ativismo político do que na mídia e na esfera pública.

No Brasil, Raewyn é bastante reconhecida por seus trabalhos na área de gênero, o que se pode justificar pela visibilidade global de sua produção neste tema. Mas é no campo da educação que ela construiu interlocuções mais antigas e profícuas. Teve alguns de seus artigos traduzidos e publicados em importantes revistas e participou de debates sobre programas escolares (veja seleção nas referências bibliográficas ao final da entrevista). Embora não seja um de seus trabalhos mais centrais, seu único livro publicado em português (Connell *et alii*, 1995) é uma coletânea sobre a temática da escola.

Em 2011, Raewyn fez sua terceira visita ao Brasil. Já havia estado em Porto Alegre, nos anos 1990, participando de um programa de treinamento de professores da Secretaria de Educação do estado, em conexão com seu trabalho sobre pobreza e justiça social em educação; e em



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

Brasília, em 2003, na qualidade de especialista convidada pela *divisão para o progresso das mulheres* da ONU para debater o papel de homens e meninos na promoção da igualdade de gêneros.

Entre outubro e novembro do ano passado, entretanto, voltou para uma intensa agenda, que incluiu a participação na 35ª reunião da Anpocs e passagens por Campinas e pelo Rio de Janeiro.⁴ Além das várias conferências, Raewyn ainda encontrou tempo e energia para oferecer um *workshop* no Departamento de Educação da UERJ, interagir ativamente com estudantes de graduação e pós-graduação, conceder entrevistas a veículos de comunicação de massa,⁵ além de dançar animadamente no baile de encerramento da Anpocs.

A presente entrevista foi realizada no CPDOC em 04 de outubro de 2011 e é parte do projeto “Intelectuais do Sul Global”, programa que tem registrado depoimentos de intelectuais atentos às clivagens que hierarquizam *Norte e Sul* na produção internacional de conhecimento.⁶

Dona de um inconfundível bom humor, cheio de uma divertida ironia, Raewyn não se furtou a responder nenhuma de nossas perguntas, atendeu aos nossos pedidos de acrescentar questões extras e participou do processo de tradução e revisão do texto que segue.⁷

Entrevista com Raewyn Connell

João Marcelo E. Maia
Cláudio Costa Pinheiro
Fundação Getúlio Vargas

Eloísa Martín
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Heloisa Buarque de Almeida
Universidade de São Paulo

João Marcelo E. Maia

Obrigado por ter vindo, Raewyn.

Raewyn Connell

O prazer é meu.

João Maia

Gostaríamos de começar perguntando a respeito de seu trabalho e compromisso como uma *intelectual pública*. Você trabalhou para a Unesco, para as Nações Unidas. Quando começou este engajamento?

Raewyn Connell

Acho que começou exatamente no início da minha carreira como cientista social. Sempre me interessei pelas ciências sociais, porque acreditava que o conhecimento poderia fazer uma diferença no mundo. Então, sempre trabalhei com questões ligadas à igualdade e à justiça social em diferentes esferas. E sempre tive interesse em encontrar um público que



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

pudesse se utilizar de fato da pesquisa, promovendo alguma mudança nas relações sociais.

Por exemplo, uma parte da minha pesquisa, desde muito cedo, tratava da educação, e especialmente educação de crianças da classe trabalhadora. Eu me preocupo que este trabalho chegue às mãos dos professores que estão ensinando estas crianças. Os professores que têm que desenvolver boas estratégias educacionais e para quem nossa pesquisa de apoio possa – talvez! – ser útil. Talvez, não é uma garantia. E, de maneira semelhante, quando trabalhei com questões de gênero, sobre a construção social da masculinidade,⁸ que é, creio, um dos meus trabalhos mais conhecidos, eu sempre tive a preocupação de que esta pesquisa atingisse as pessoas que trabalham com problemas como violência doméstica, problemas quanto à educação de meninos, pessoas que estão tentando direcionar as relações de gênero para um sentido mais democrático.

Assim, sempre estive preocupada em encontrar um público e em fazer uma ciência social que causasse algum impacto ou fizesse algum sentido em termos de um mundo mais democrático.

Mas essa abordagem tem um problema! Na Austrália, eu não sou realmente uma intelectual pública no sentido mais comum. Não estou presente na mídia, raramente sou entrevistada pelos jornais, nunca na televisão, algumas vezes no rádio, isso é verdade. O tipo de trabalho que faço não tem o apelo midiático habitual. De certa maneira, eu não venho tentando me construir como uma figura pública nesse sentido e até tenho certa inveja de cientistas sociais que o fazem, porque eu gostaria de ter um alcance mais amplo. Creio que a verdadeira conexão do meu tipo de trabalho científico-social tem sido com os movimentos sociais, mais do que com os meios de comunicação em massa.

João Maia

E isso tem origem na New Left australiana?

- 1170 -

Raewyn Connell
Certamente!

João Maia

Você poderia nos contar um pouco sobre este cenário político? Sobre crescer na Austrália?

Raewyn Connell

Claro! Bem, eu sou uma *filha da guerra* [risos]. Cresci nos anos 1950 e 1960. Minha formação política foi na New Left e no movimento operário. Parte das minhas preocupações nas ciências sociais começou de fato nos movimentos sociais que visavam reformar as universidades. Eu acho que esta é a origem do meu trabalho sobre intelectuais. A dimensão da mobilização de classe, o trabalho com os sindicatos, o trabalho com os professores – isto certamente tem origem nesse período da minha vida. E, de forma diferente, meu trabalho sobre gênero, porque este foi o momento do surgimento do New Feminism⁹ na Austrália. Embora eu não tenha me envolvido diretamente no Women's Liberation Movement, eu era muito próxima de pessoas que participavam. Por isso, novamente, havia um contexto de movimento social para pesquisas sobre gênero.

Algumas das ideias da New Left permaneceram comigo e continuaram importantes para mim durante todo o tempo. Eu escrevi uma pequena reflexão sobre este tema no capítulo final de meu novo livro *Confronting Equality* (Connell, 2011), que é uma “Carta para a Próxima Esquerda”, ponderando sobre aquilo que ficou para mim de meu engajamento duradouro com política progressista. Bem, ficaram a noção de democracia participativa, a criatividade de movimentos populares, a necessidade de transformar todos os aspectos da realidade ao invés de esperar pela revolução, ou de procurar por aquela contradição funda-



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

mental para justificar o engajamento político da vida pessoal. Isso tudo me veio, eu creio, a partir da New Left, e tem sido importante na forma como tentei construir o meu trabalho como uma intelectual.

João Maia

Gostaria de fazer uma última pergunta a respeito disso, porque tem a ver com o trabalho de seu livro *Southern Theory*. Neste livro você menciona que foi importante para a política na Austrália, para a política progressista, aproximar-se de outras experiências de participação democrática na América Latina, o que é, me parece, uma ponte entre seu engajamento político e o trabalho intelectual.

Raewyn Connell

Isso é verdade! E é, efetivamente, um problema na tradição política australiana! A Austrália é um país colonial, o produto de 200 anos de um encontro entre o colonialismo de povoamento britânico e uma civilização indígena que foi subjugada pela violência. Então, uma comunidade de colonos se desenvolveu historicamente buscando democratizar relações sociais dentro do colonialismo capitalista, o que é a história do Australian Labour Movement. Portanto, o pensamento político australiano esteve muito orientado para a *metrópole*, para a Europa e especificamente para a Grã-Bretanha, e em alguma medida para os Estados Unidos, mais do que para o resto do mundo colonial. E é absolutamente típico de *intelligentsias* coloniais serem orientadas para a metrópole e não para o seu próprio ambiente. Sendo assim, como todo jovem intelectual da minha geração, eu estava lendo o pensamento socialista europeu, pensamento democrático europeu, pensamento democrático norte-americano, mas não os debates que estavam acontecendo, no mesmo período, na Índia, na África ou na América Latina.

- 1172 -



Isso é algo que eu venho percebendo gradualmente como uma grande fraqueza de nossa tradição política na Austrália. Mas isso começou a mudar, está mudando. No entanto, cada vez mais me parece não só uma fraqueza, mas uma fraqueza devastadora para as ciências sociais australianas. Nós construímos as ciências sociais lendo teóricos europeus e norte-americanos e interpretando a experiência australiana, a sociedade australiana, como se fosse uma parte das metrópoles europeia e norte-americana. Nós nos concebemos como se a Austrália fosse o 51º estado dos Estados Unidos, outra província da França, ou algo assim. E isso resultou, acredito, em uma séria distorção no entendimento de nossa realidade, sufocando nossa conexão com outras partes do mundo pós-colonial. De fato, isso minou a percepção de nossa capacidade de desenvolver ideias e teorias aqui, ao invés de sempre procurar pela mais nova tendência europeia.

Eu estou no Brasil há algumas semanas e tenho olhado para as ciências sociais brasileiras com muito interesse. Naturalmente, em alguma medida, o mesmo vale para o Brasil. Eu olho as bancas de venda de livros de uma conferência de ciências sociais aqui e encontro nomes familiares: Bourdieu, Bauman, Giddens... Exatamente como em uma conferência australiana! Aquela hegemonia global da metrópole na construção das ciências sociais parece ser, atualmente, um grande problema. Deste modo, no meu trabalho em *Southern Theory* e na pesquisa desde então, eu deliberadamente observei o trabalho de intelectuais engajados na análise social do mundo colonial e pós-colonial, fora da metrópole, isto é, pessoas que estão tentando entender a experiência da colonização e da subordinação econômica pós-colonial à metrópole, a subordinação cultural, e assim por diante.

Quando procuramos melhor, obviamente encontramos uma literatura rica. Não preciso falar sobre a literatura latino-americana porque



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

vocês a conhecem muito melhor do que eu. Mas eu fiquei impressionada e empolgada em encontrar a riqueza da análise crítica e de um pensamento muito sofisticado vindo da África, do Sudeste asiático, do mundo islâmico ou do Pacífico. E gradualmente também, através de meu espanhol imperfeito e do meu português inexistente, comecei a ler o trabalho de intelectuais na América Latina como parte disso.

Então, eu venho me reeducando de maneira profunda, e venho encorajando outras pessoas a compartilharem a empolgação deste projeto. Porque eu realmente acredito que se as ciências sociais querem ser uma ferramenta democrática – e eu acho que o que justifica a ciência social é sua capacidade de ser parte do autoconhecimento da sociedade democrática – então isso tem que acontecer globalmente. Porque não podemos evitar a globalização, com uma economia parcialmente global, com nossa posição nas estruturas globais de poder, com uma cultura global parcialmente compartilhada, com nosso uso da tecnologia global. Não podemos evitar isso! De alguma forma, nunca fomos capazes de evitar, mas é visivelmente inevitável agora. E precisamos de uma resposta que não seja simplesmente esperar pela próxima moda intelectual da Europa. Temos que fazer mais do que isso, se as ciências sociais realmente quiserem ser relevantes para a transformação social no *Sul Global*.

Cláudio Costa Pinheiro

Seu comentário nos ajuda a avançar para o segundo tópico da nossa conversa, que é o lugar do *Sul Global*. Originalmente, a ideia de Sul vem da divisão econômica do mundo dos anos 1970 e 1980, quando o *Sul* representava os países pobres e o *Norte* representava a parte rica do mundo. Esta ideia, em última análise, se inspira na organização das antinomias da modernidade que separa esferas de desenvolvimento e de subdesenvolvimento. Dentro desse quadro poderíamos lembrar *Relatório Brandt* (1978),¹⁰ que coloca a Austrália como parte do *Norte*, mas

- 1174 -





you constructed a very interesting argument by positioning Australia back to *Sul*. You could talk a little about this?

Raewyn Connell

Claro, claro! De fato, estas antinomias permeiam toda a história da colonização.

O *selvagem*, o *pagão*... um mundo em direção ao qual o cristianismo e a civilização europeia se moveram e tentaram justificar a si próprias. Então, essas fórmulas existem há um bom tempo e foram transformadas no século XX de várias maneiras. Com frequência, com a suposição subjacente de que realmente há apenas uma forma de civilização, e que “nós”, da Europa e dos Estados Unidos, a tenhamos e que o resto do mundo está tentando alcançá-la. Surgem daí a fórmula da *Teoria do Desenvolvimento* e todas essas coisas deste tipo. Atualmente existem esses estranhos *índices de desenvolvimento humano*, do nível de democracia, e assim por diante, nos quais aqueles mesmos países sempre aparecem no topo.

Parte da minha crítica à sociologia, que é a minha disciplina principal, é sobre a prevalência desta forma de pensamento na história do campo. Tenho, portanto, olhado para outras linguagens conceituais, através das quais podemos pensar a desigualdade global, os processos de acumulação global, e assim por diante, de uma maneira que seja útil para o atual desenvolvimento intelectual.

Deste modo, incorporei a terminologia *Sul/Norte* desses debates dos anos 1960 em torno das Nações Unidas, especialmente da política comercial envolvendo Raúl Prebisch e o Grupo dos 77, num momento em que divisões Sul/Norte eram cada vez mais reconhecidas como uma forma de réplica violenta às divisões da Guerra Fria entre capitalismo e comunismo e outro grupo vago, que não era nada. Então, era preciso encontrar um nome positivo para países economicamente marginais em





ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

relação à metrópole global, mas que tinham a capacidade de mudar esta circunstância, o que era, é claro, o pensamento fundamental de Prebisch, de Celso Furtado e de outras pessoas nesse grupo. Creio que esta foi uma importante virada intelectual.

Mas *Sul* é um termo geograficamente ambíguo. Ele ganhou o significado de *Terceiro Mundo*, *Quarto Mundo*, *pobreza*. Foi um substituto político positivo para a noção de países subdesenvolvidos, portanto significava os países menos desenvolvidos, mas é extremamente ambíguo, e a posição de países como a Austrália é um exemplo claro disso. A Austrália é um país colonial, é um produto do colonialismo de povoamento. Fica o mais longe da Europa que se possa chegar neste planeta. Na verdade, seu nome significa isso: Austrália significa “Terra do Sul”! Não é um nome indígena, foi dado por colonos britânicos, para expressar a experiência de estar o mais distante quanto poderiam estar.

A Austrália não é a metrópole, mas é rica. É uma economia colonial rica, atualmente dependente de exportações primárias: mineração, exportações minerais, carvão, minério de ferro – que é o item do momento – mas também prata, ouro, terras raras, e historicamente chumbo e zinco exportados para países industrializados. Assim como minerais, temos também as exportações agrícolas, trigo, lã e outras exportações pecuárias e agrícolas. A Austrália se desindustrializou. Como uma parte da América Latina, a Austrália também passou por um processo de industrialização por substituição de importações em meados do século XX – processo esse que, também como grande parte da América Latina, no final do século XX, abandonamos em prol de uma estratégia de desenvolvimento neoliberal com base em vantagens comparativas. Então, agora há um *rust belt*¹¹ na Austrália. A estratégia econômica australiana é bastante parecida com a política internacional de comércio do Brasil. Historicamente há muitos paralelos entre a Austrália e a Argentina, por

- 1176 -



exemplo, em termos de dominância do setor pecuário, urbanização e assim por diante.

A Austrália é culturalmente muito dependente da metrópole. A população de colonos não tem uma cultura forte e independente, mas o país tem uma civilização indígena ali, que ainda existe! A capa de *Southern Theory* foi pintada por um artista indígena e eu a adoro exatamente por isso. Tem havido um grande renascimento indígena na cultura e na política na última geração.

Então, de todas essas formas, a Austrália é uma parte da *Periferia*, do *Mundo Pós-Colonial*, do *Sul*. No entanto, é uma parte rica, e é por isso que coisas como os índices econômicos são muito enganosos sobre a situação australiana no mundo. Mas a política na Austrália é um tipo muito estranho de compromisso. Há um reconhecimento das realidades pós-coloniais de maneira muito distorcida, às vezes, porque há muito racismo na Austrália e há atualmente uma mobilização de direita para rejeitar os refugiados que chegam à Austrália do Sudeste asiático através de barcos. Este é um tipo muito, muito tóxico da política. A política comercial é totalmente orientada para o fornecimento de matérias-primas para os países industrializados ou em processo de industrialização.

Ao mesmo tempo, há uma espécie de identificação político-militar com o *Norte*. Então, os políticos australianos apresentam a Austrália como um país “ocidental”. Governos australianos têm constantemente enviado tropas para lutar em guerras imperiais ao lado da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, mandando tropas para o Sudão, a Turquia, a França...

João Maia

Para o Afeganistão também?



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

Raewyn Connell

Afeganistão! Eu estava chegando aí, é uma lista longa! Mas para o Afeganistão e o Iraque mais recentemente. O Vietnã antes, apoiando os norte-americanos...

João Maia

Mesmo quando o Australian Labour Party estava no poder?

Raewyn Connell

Sim, sim! O Labour Party se opôs, algumas vezes, a isso (por exemplo, no Vietnã), mas outras vezes não (caso do Afeganistão). Ademais, o Labour Party atual não é mais um partido trabalhista, é neoliberal. Nas relações econômicas ele tem uma ligação franca com os sindicatos. Não é tão tóxico como os partidos de direita, mas é absolutamente alinhado com os Estados Unidos na política internacional. O que mais eu posso dizer?

Cláudio Pinheiro

Você estava dando exemplos que provavelmente nos permitam conceber os contornos de algo que poderia ser chamado de uma *Academia do Sul Global*. Iniciativas intelectuais – islâmicas, pan-árabes, africanas, do Sudeste asiático e latino-americanas – que refletem sobre e desde nossa situação periférica. Qual poderia ser a consequência da ascensão do *Sul Global* para a teoria social contemporânea?

Raewyn Connell

Bem, eu acho que tem que haver uma transformação nas ciências sociais!

Nós realmente não podemos continuar confrontando problemas genericamente globais. Não podemos continuar trabalhando com um modelo de ciência social que é na verdade a metrópole pensando sobre si mesma – e a grande maioria da população mundial vive fora das me-



trópoles – e cujas ideias transbordariam para o resto do mundo.¹² Precisamos de um processo de construção das ciências sociais que trate do *Sul*, compreendido de maneira ampla, como uma fonte de autoridade intelectual, como fonte criativa de ideias, métodos, conceitos, bem como descrições empíricas. Produzimos muita ciência social empírica na Austrália atualmente, assim como na América Latina e em outras partes do mundo. Nós precisamos produzir e circular teoria também.

Agora, como nós vamos daqui para lá? É uma questão muito grande e difícil! Difícil porque grande parte dos recursos para fazer ciências sociais está localizada no *Norte*. É lá que a maioria das universidades do mundo está, assim como as instituições de pesquisa, o financiamento de pesquisas. Quando isso transborda para o *Sul Global*, não é necessariamente de uma forma que apoie o tipo de desenvolvimento do qual estou falando. Este é um argumento enfatizado, no caso da África, por Thandika Mkandawire, em seu livro sobre intelectuais africanos.¹³

As ciências sociais na África são, atualmente, dependentes em grande parte do financiamento de ONGs através de agências de desenvolvimento. E elas não financiam teoria social, mas estudos de ciência social aplicada de curto prazo e em pequena escala, utilizando conceitos e métodos importados da metrópole. Esta é a principal forma pela qual são feitas as ciências sociais na África.

Mas não é só assim, não é a única maneira de jogar o jogo. Há instituições, como as universidades do sul da África, como a Codesria em Dakar [Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África], que realizam um trabalho maravilhoso. E, você sabe, há uma produção teórica sofisticada na Índia, e em alguns países da América Latina. Então, existem bases para o tipo de ciência social global que estou defendendo. Mas precisamos de mecanismos para conectar essas bases, e neste momento eles são frágeis e ocasionais, e não permanentes e fortes.





ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

As organizações internacionais de ciências sociais (como a ISA – International Sociological Association) ainda funcionam essencialmente para a difusão de métodos e conceitos do *Norte*, apesar de haver ali outras possibilidades de desenvolvimento das ciências sociais. Eu acho que precisamos de uma quantidade enorme de reformas curriculares no ensino de ciências sociais. Precisamos colocar os alunos de um país em contato com o trabalho intelectual de outro, ao invés de repetir indefinidamente a invocação da teoria europeia ou norte-americana. Então, há vários caminhos pelos quais este trabalho pode continuar. Eu avancei em apenas alguns deles.

Mas preciso dizer outra coisa, eu estou contando a minha história, mas não sou só eu quem está interessada nisso, obviamente. Eu poderia citar o trabalho de Farid Alatas em Cingapura,¹⁴ ou Patel Sujata, na Índia,¹⁵ que também promovem este tipo de estratégia para a sociologia. E, claro, há um longo debate sobre as perspectivas pós-coloniais na antropologia, sobre o qual eu quase não toquei, e que também acho bastante valioso.

Eloísa Martín

Se pensarmos em reconstruir a estrutura das ciências sociais, um aspecto sobre o qual alguns dos estudiosos que você mencionou também estão preocupados é com a validade universal das ciências sociais – por exemplo, as condições de pertinência das ciências sociais como um projeto universal da compreensão humana. É possível ou desejável pensar sobre os atributos – categorias sociais ou sociológicas, teorias sociais etc. – que poderiam ser universalmente válidas para as ciências sociais?

Raewyn Connell

Ah! Esta é uma pergunta interessante, sobre a qual não tenho uma opinião estabelecida [risos]. Eu posso ver pelo menos três possibilidades



para a questão. Uma delas é dizer que realmente há apenas *uma* única Ciência Social. A versão que temos da Europa e da América do Norte ainda é imperfeita, mas a cooperação de todo o mundo e uma afirmação do valor de perspectivas do *Sul* irão produzir uma ciência social universal diferente. E esta é a solução filosófica mais simples para o problema.

Uma segunda solução é que você pode ter universalismos múltiplos. Então, você pode ter uma ciência social que seja fundamentada na cultura e na civilização europeia, agora secularizada, que talvez se assemelhe mais estreitamente à ciência social que é atualmente hegemônica. Mas podemos ter outra ciência social fundamentada no Islã – e tem havido tentativas de formular algo nesse sentido por pessoas como Ali Shariati,¹⁶ que de maneira muito interessante mistura os dois. E há alguns trabalhos na Índia, por exemplo, *Empire of Knowledge* (2002) de Vinay Lal, que sugere que o pensamento gandhiano proporciona outro universalismo, um conjunto de princípios universais através dos quais podem ser construídas análises sociais. Isso não se assemelhará necessariamente à versão europeia, mas pelo menos busca uma validade universal. Assim, você pode ter uma arena de universalismos concorrentes. Eu tenho um pouco de medo desta opção, tenho que dizer, porque soa como uma receita para uma guerra civil sem fim entre os intelectuais. Mas quem sabe? [risos]

E a terceira possibilidade é que nós abandonemos o universalismo como uma ideia intrinsecamente imperialista. Contentemo-nos com uma arena de múltiplas formas de conhecimento, nenhum dos quais afirma hegemonia, mas que todos existam em algum tipo de diálogo com o outro.

Talvez meu temperamento me incline mais para a terceira posição, mas reconheço as dificuldades que esta cria para as ciências sociais, especialmente voltando à sua pergunta inicial sobre o papel de um intelectual público. Se reivindicarmos atenção para as ciências sociais de





ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

peças que não estão em universidades, de peças que não estão em departamentos de ciências sociais, então, nós teremos que ter algo a lhes oferecer. Nós temos que ter uma base comum para que elas compreendam o que dizemos, uma base para a nossa pretensão de afirmar algo que é notável, valioso, e que merece atenção.

E se apelarmos para uma epistemologia completamente pluralista, isso poderia minar nossa reivindicação como cientistas sociais de dizer algo que outras pessoas deveriam levar a sério, deveriam dar atenção e utilizar. Estas são as opções. Eu não sei como resolver esse problema, mas é algo que temos de enfrentar.

Cláudio Pinheiro

Certamente é muito importante fazer fortes reivindicações sobre como reforçar uma visão “multiversalista” para um universalismo renovado na teoria das ciências sociais e na epistemologia. Um ponto difícil deve ser inversamente trazer esta pauta para o ensino de acadêmicos em formação. Você na Austrália, Vineeta Sinha e Farid Alatas (em Cingapura) e outros se dedicam extensivamente a aspectos do ensino, e do treinamento de intelectuais. Você mesma tem um texto importante sobre como orientar um doutorado.¹⁷ Como dar visibilidade a essa importante discussão? Como fazer com que jovens e futuros intelectuais do *Sul* sejam sensíveis aos temas abordados por essa entrevista?

Raewyn Connell

Eu tenho opiniões fortes sobre isso! Algumas são baseadas em pesquisa, outras são baseadas na prática...

Quando ensino ciências sociais sempre enfatizo para meus alunos o processo da descoberta. Então, quando elaboramos cursos, quando criamos um novo currículo para um novo departamento de sociologia, nós incluímos experiência de pesquisa para o estudante como um processo





básico de aprendizado em cada curso. E eu sempre fui relutante em usar manuais (*textbooks*) em meus cursos, embora, confesso, mais recentemente tenha escrito dois. Sob ameaça! [risos]

Eu sempre fui relutante em dar aos estudantes uma estrutura predefinida e dizer: “isso é o conhecimento”, e lhes dizer para aprender partes dele. Eu acho que a construção do conhecimento é um processo social, um processo criativo, que todo mundo faz, de alguma forma, na vida cotidiana. É claro que eu estou sendo pragmática aqui, eu tenho uma posição como Dewey. Para mim, a ciência não está radicalmente separada da vida cotidiana ou do senso comum. É uma elaboração, uma formalização, e às vezes envolve uma crítica, de senso comum, com certeza, mas os processos de desenvolvimento do conhecimento não são fundamentalmente diferentes. Então, no meu ensino de ciências sociais, eu encorajo os estudantes a formularem perguntas e a aprenderem o método através dessas perguntas, ao invés de aprenderem através de manuais. Esta é, você sabe, uma pedagogia mais lenta, mas eu acho que é mais coerente com a maneira pela qual vejo as ciências sociais.

Acho que aplico isso a mim mesma em minha pesquisa. Sempre espero aprender com as pessoas que entrevisto. Então, na minha pesquisa sobre os intelectuais, na qual pedi a trabalhadores intelectuais que me contassem a sua história de vida e de trabalho – e esta é a única pergunta na entrevista, todo o resto é uma espécie de expansão disso – eu espero sair da entrevista não apenas com dados, mas com um novo conhecimento para mim, algum desenvolvimento da minha própria consciência de como o mundo funciona. Nas minhas entrevistas com intelectuais eu utilizei a abordagem de história de vida, que eu tenho usado também em pesquisas sobre masculinidades, em escolas. A maior parte dessas entrevistas foi feita com intelectuais que trabalham na Austrália, um ambiente com o qual estou familiarizada e, neste caso, o que eu venho aprendendo de novo, em grande parte, são duas coisas: uma, o pro-



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

cesso de trabalho no qual eles estão envolvidos e, em segundo lugar, o formato das carreiras em áreas de conhecimento com as quais não estou familiarizada.

Quando eu fiz isso em outros países (eu fiz algumas entrevistas semelhantes na África do Sul, no Chile e na Europa; eu tento desenvolver este projeto pouco a pouco), o que eu aprendi, então, foi sobre mundos sociais, bem como uma história individual de trabalho intelectual. Eu aprendi sobre os mundos sociais em que o trabalho intelectual é feito. E isso tem um elemento de história social e um elemento de aprendizagem intercultural. Porque eu estou aprendendo, por exemplo, em uma entrevista, o que é ser um militante trabalhista sob o regime do *apartheid*, uma experiência muito longe de minha própria experiência protegida em uma universidade australiana.

E isso requer, você sabe, construir a minha capacidade de pensar fora da situação em que vivo. E, em última análise, esse é meu conceito de teoria. Podemos definir teoria em termos de construção de conceitos, oferecendo explicações causais, definindo relações entre coisas e eventos. Mas para mim, fundamentalmente, teoria é pensar além do que está dado. Então, apesar de eu ter escrito vários livros de teoria, o meu trabalho em ciências sociais é, basicamente, como uma cientista social empírica que reflete sobre o mundo social que se abre empiricamente. E quando eu desenvolvo um conceito teórico, é essencialmente uma tentativa de escapar de algum conhecimento empírico que eu já tenho para outras situações. Sugerindo relação entre as situações, o modo como grandes pedaços do mundo podem estar trabalhando, esta é a função da teoria. Para mim, não é apenas uma organização dos dados existentes, mas, na verdade, ir além deles.

Eu acho que tenho um conceito bastante militante de ciências sociais, no sentido da forma como o conhecimento funciona em ciências sociais. Isto pode não corresponder exatamente ao que os manuais de



epistemologia dizem, mas me parece, pelo menos, muito próximo da prática de uma ciência social comprometida.

Cláudio Pinheiro

Você diria que há idiosincrasias que distinguem o trabalho e as trajetórias profissionais dos intelectuais do *Sul* – em termos de leituras, criatividade, inovação, ou sobre a forma como as pessoas lidam com fundos de pesquisa etc.? Gerações de intelectuais do *Sul* desenvolveram, por exemplo, uma relação muito estreita com a política formal (movimentos sociais ou partidos políticos). Você acha que haveria alguma diferença entre intelectuais do *Norte* e do *Sul* neste sentido? Ou pode ser uma característica de pessoas que experimentaram a vida intelectual nos anos 1960 e 1970?

Raewyn Connell

Bem, não devemos exagerar a diferença. Intelectuais do *Sul* não são de uma espécie diferente dos intelectuais do *Norte*. Temos que nos lembrar da diversidade do *Sul* também, mas de fato os intelectuais da periferia estão trabalhando a partir de situações diferentes na economia política mundial do conhecimento. Sim, a relação com os movimentos sociais tem sido formativa para aqueles envolvidos em lutas de independência política ou culturais (como Franz Fanon, Shariati), e na sequência problemática das lutas de independência (como Ashis Nandy).

Uma generalização que eu faria é a de que os intelectuais que trabalham em questões culturais e sociais no Sul têm mais probabilidade de estarem cientes das imposições de fora, justamente por causa da história de colonialismo e de globalização neoliberal. Eles são menos propensos a desenvolver sistemas autossuficientes, estão mais conscientes dos limites, o que pode ser vital ao se levarem em conta questões sobre mudanças climáticas e justiça ambiental.



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

Outra generalização que eu arriscaria é a de que os intelectuais do *Sul* têm que ser conceitualmente bilíngues, já que não podem desconsiderar a produção intelectual do *Norte*. Na verdade, temos que nos envolver com ela. Mas se quisermos fazer isso de forma eficaz, temos de falar ao mesmo tempo outra linguagem conceitual relacionada à experiência social e à produção cultural que vem do resto do mundo.

E há vantagens em trabalhar no *Sul*, que têm de ser destacadas em relação à centralidade e aos recursos materiais de instituições de elite no *Norte*. Intelectuais da periferia são mais propensos a se aproximarem de novos movimentos sociais e de experiências sociais radicalmente novas simplesmente devido à natureza da mudança na periferia. E isso pode levá-los a espaços onde surgem formas genuinamente novas de pensar, e não apenas requestrar o que já foi feito ou a crítica interna interminável que vem acontecendo no trabalho teórico do *Norte*. Ao pensar sobre o poder global, por exemplo, eu não acho que ninguém no *Sul* escreveria um texto tão abstrato e autorreferencial como “Império” (de Michael Hardt e Antonio Negri). Intelectuais do *Sul* são mais propensos a sentir, se eu posso usar uma metáfora da física, as ondas de gravidade do poder global que atravessam suas vidas e constroem seu futuro. Para que esta experiência se transforme em teoria social, no entanto, eles têm que encontrar um contexto intelectual em expansão; e eu acho que ler o que se produz na periferia, ao invés de ler o que vem da metrópole, é a melhor maneira de encontrá-lo.

Heloisa Buarque de Almeida

Você é bastante conhecida no Brasil pelos seus trabalhos sobre gênero e masculinidade. Você poderia falar mais sobre suas ideias principais neste campo? Por que você estudou isso?

- 1186 -



Raewyn Connell

Eu passei muito tempo estudando gênero porque estava convencida, durante a década de 1970, de que o argumento básico feminista era correto. Relações de gênero formam um dos eixos principais de desigualdade e opressão na sociedade. Tanto pesquisa empírica quanto trabalhos teóricos são necessários para entender esta dimensão da nossa vida. Então, minha obra teórica, expressa principalmente nos livros *Gender and Power* e *Gender: In a World Perspective*, é uma tentativa de entender gênero como uma estrutura social, como um padrão muito complexo de relações entre grupos e dentro dos grupos. Ênfase que esta estrutura é multidimensional – envolve trabalho, comunicação, relações de poder, relações emocionais, tudo ao mesmo tempo. Eu enfatizo que é historicamente dinâmica, está em constante mudança e muitas vezes se altera como resultado da luta social. Argumento que esta estrutura funciona em vários níveis simultaneamente, desde a vida pessoal, como num relacionamento sexual, até em instituições como a escola, e em estruturas em larga escala, tais como a economia. Assim, há uma estruturação de gênero nos processos econômicos, um regime de gênero na escola etc. Podemos traçar as interconexões entre os níveis, no trabalho de pesquisa e na política, embora elas sejam muitas vezes bastante complexas.

Comecei a preocupar-me por homens, meninos e masculinidade porque, logo que comecei a trabalhar na análise empírica dos padrões de gênero nas escolas, era óbvio que eles não poderiam ser entendidos se eu estudasse apenas as meninas e as mulheres. Se alguém quiser entender um sistema de poder “generificado”, é preciso estudar os que detêm o poder. As *masculinidades*, ou seja, as configurações de prática social associadas com a posição dos homens nas relações de gênero, são múltiplas, historicamente dinâmicas e abertas à mudança, como muitas pesquisas recentes têm mostrado.



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

Heloisa Buarque de Almeida

De que forma você acha que as ideias sobre a masculinidade hegemônica têm contribuído para o campo dos estudos de gênero? Como os estudos sobre masculinidade em geral têm contribuído para novas questões?

Raewyn Connell

Eu acho que o conceito de “masculinidade hegemônica” se tornou amplamente utilizado porque nomeou um padrão que realmente é generalizado e facilmente reconhecido – existem versões diferentes de masculinidade, mas elas não são socialmente iguais. Geralmente, há uma forma mais honrada, central, ou dominante em torno da qual outros padrões de prática são constituídos. A hegemonia nunca é estática, é muitas vezes contestada e, por vezes, uma forma hegemônica de masculinidade é deslocada por outra – por exemplo, através de mudanças na estrutura industrial e em grupos dominantes. O conceito de masculinidade hegemônica permitiu que padrões de diferença e subordinação entre os homens pudessem ser associados à dinâmica das relações de gênero entre homens e mulheres. Assim, nos ajudou a superar as ideias estereotipadas sobre “masculinidade real” do tipo que são, infelizmente, ainda largamente encontradas nos meios de comunicação e na política conservadora.

Estudos de masculinidade abriram uma surpreendente gama de questões. As pesquisas agora são feitas em todo o mundo, com contribuições importantes da Índia, da África, da América Latina, e cada vez mais do leste da Ásia também. Nossa compreensão da história social e das sociedades contemporâneas em todas essas regiões é muito mais rica. Os achados da investigação social sobre masculinidades têm sido usados em muitos campos práticos e aplicados, que incluem educação, saúde, prevenção à violência, aconselhamento, assistência social, desenvolvimento comunitário, criminologia, direito e outros.

- 1188 -





Heloisa Buarque de Almeida

Como os problemas que você analisou sobre gênero se conectam com as questões que você discute em *Southern Theory*?

Raewyn Connell

Esta é uma questão muito interessante, importante e atual. Também é difícil, porque a maioria de nossas ideias teóricas sobre gênero vem do *Norte Global* (Mead, de Beauvoir, Irigaray, Chodorow, Butler etc.), enquanto a maior parte da nossa informação empírica sobre sistemas de gênero vem do *Sul Global*. Este é realmente um padrão familiar na economia mundial do conhecimento, como eu discuti em *Southern Theory*. Ele está incorporado em nossos costumes acadêmicos, práticas de publicação, ideias de “excelência”, tabelas globais de universidades etc.

Nos últimos anos tenho trabalhado com os dilemas relacionados a observar as questões de gênero à luz de ideias teóricas que vêm do *Sul Global* – porque o mundo pós-colonial produz teorias constantemente. Um dos meus argumentos é que a história do pensamento feminista nunca deveria ser contada apenas no contexto da Europa e dos Estados Unidos. Ela deve dar a mesma atenção a pensadoras como Heleieth Saffioti, Julieta Kirkwood, Marta Lamas, Amina Mama, Fátima Mernissi, Bina Agarwal. E, antes delas, a história do feminismo mundial deveria destacar pensadoras como Kartini, na Indonésia; Huda Sharawi, no Egito; o movimento de 4 de maio, na China; as críticas do patriarcado do século 19, em Bengala, e mais. Ao vislumbrarmos esse cenário mais amplo, poderemos começar a desenvolver pautas diferentes para a análise feminista e talvez formas diferentes de construção de teoria. Esta é, para mim, a fronteira mais emocionante dos estudos de gênero na atualidade.

Raewyn Connell pode ser contatada em raewyn.connell@sydney.edu.au, e suas publicações estão disponíveis em www.raewynconnell.net.

Notas

- ¹ Professor na Escola de Ciências Sociais e História, CPDOC/FGV e coordenador do Sepsis (South-South Exchange Programme for the History of Development).
- ² No total, Raewyn participou ativamente da supervisão de mais de 80 trabalhos, orientando de forma direta 51 teses de doutorado, oito de mestrado e 20 trabalhos de bacharelado ou outras monografias (alguns desses trabalhos premiados na Austrália e nos Estados Unidos). Também teve papel ativo na supervisão (como co-orientadora ou interlocutora) de 16 outros trabalhos.
- ³ Um de seus trabalhos premiados como um dos mais influentes da sociologia na Austrália.
- ⁴ Suas conferências foram: “The coming revolution in social theory” (Anpocs), “Masculinities and Gender Justice, in World Perspective” (Núcleo Pagu/Unicamp), “Southern theory and the future of Social Sciences” (Lapes/CPDOC/FGV) e “Masculinities and Globalization” (Clam/UERJ).
- ⁵ *Folha de São Paulo*, 26 de novembro de 2011, A17.
- ⁶ Projeto coordenado por Cláudio Pinheiro. Além de Raewyn, já foram entrevistados a antropóloga sul-africana Jean Comaroff, a socióloga indiana Sujata Patel e o economista brasileiro Theotônio dos Santos. A entrevista de Jean Comaroff foi publicada em *Mana*, 17 (2):467-80, 2011, e as demais estão em processo de edição para publicação.
- ⁷ Participaram dessa entrevista Cláudio Pinheiro e João Maia (CPDOC/FGV). À entrevista original foram acrescentadas perguntas de Eloísa Martín (IFCS/UFRJ) e Heloisa Buarque de Almeida (*Revista de Antropologia/USP*), respondidas por email. Transcrição: Claudia Poletto e Maria Arlete Rocha. Tradução: Beatriz Accioly Lins.
- ⁸ Connell, 1987, 1995, 2000 e 2002, entre tantos outros.
- ⁹ New Feminism: veja também Connell (1987).

- ¹⁰ “Brandt’s report”: The North-South Commission. 1980. North-South: a programme for survival. The report of the independent commission on international development issues under the chairmanship of Willy Brandt. London, Cox & Wyman.
- ¹¹ *Rust belt* é um termo que refere a uma região de indústria pesada no noroeste dos US, principalmente ligada à siderurgia, à mecânica e à metalurgia, pelo uso intenso de minério de ferro.
- ¹² A ideia que Raewyn emprega é a de “trickling down to the rest of the world”, que se refere também a uma teoria econômica neoliberal, popular nos anos 1980 (particularmente no Brasil), que supunha que um desenvolvimento macroeconômico transbordaria para os mais pobres e desfavorecidos, beneficiando-os.
- ¹³ Mkandawire, Thandika. 2005. *African Intellectuals: Rethinking Politics, Language, Gender and Development*, Dakar, Codesria. Thandika Mkandawire é o antigo diretor do Instituto de Pesquisas para Desenvolvimento Social das Nações Unidas e o primeiro ocupante da Cátedra de Desenvolvimento Africano da London School of Economics (LSE). Mkandawire também foi o diretor da Codesria e pesquisador associado sênior do Centro de Pesquisas em Desenvolvimento, em Copenhague, além de lecionar nas Universidades de Estocolmo e do Zimbábue. Atualmente é o “Olof Palme Professor” para Paz no Instituto de Estudos do Futuro, de Estocolmo. Mkandawire tem uma agenda temática que inclui Teorias do Desenvolvimento, Política Econômica e do Desenvolvimento e Políticas Sociais em países em desenvolvimento, além da Economia Política do Desenvolvimento na África.
- ¹⁴ Farid Alatas é professor associado do Departamento de Sociologia da Universidade Nacional de Cingapura. Seus interesses de pesquisa e áreas de ensino incluem Filosofia das Ciências Sociais, Teoria Sociológica e Economia Política. Tem um papel preeminente no debate sobre as condições de internacionalização do pensamento sociológico, especialmente ligados à ideia de pensamento autônomo, dependência intelectual (sobre o qual organizou um volume especial do periódico *Current Sociology*, em 2006: *The Idea of Autonomous Sociology*) e agendas de ensino das ciências sociais (veja Alatas & Sinha. 2001. Teaching Classical Sociological Theory in Singapore, *Teaching Sociology*, v. 29, n. 3, pp. 316-331). Publicou e organizou diversos livros e coletâneas em periódicos internacionais, entre eles estão: Alatas, F. 2006. *Alternative Discourses in Asian Social Science*, London, Sage;



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

Alatas, F. 2010. “A definição e os tipos de discursos alternativos”, *Revista Estudos Históricos*, v. 23, n. 46.

- ¹⁵ Sujata Patel, socióloga, é um dos nomes mais influentes das ciências sociais, com uma atuação marcante na International Sociological Association. Fez sua formação intelectual entre Índia e Canadá. Atuou como pesquisadora associada a várias universidades e institutos de pesquisa indianos. Entre suas principais publicações estão: 2010. *The ISA Handbook of Diverse Sociological Traditions*, London, Sage; 2006. *Urban Studies. Readers in Sociology and Social Anthropology* (Co-editor), Delhi, OUP; 2003. *Bombay and Mumbai. The City in Transition* (Co-edited with Jim Masselos), Delhi, OUP.
- ¹⁶ Ali Shariati (1933-1977), sociólogo, foi um dos mais importantes intelectuais do Irã. Nasceu em Mashhad, segunda cidade do país e importante contexto intelectual do nacionalismo iraniano. Fez doutorado pela Sorbonne (1964) e lecionou em Mashhad e Teerã. Esteve associado a movimentos nacionalistas (no próprio Irã e fora) de pró-descolonização, como a FNL (Frente de Libertação da Argélia). Foi responsável pela introdução de inúmeros teóricos da colonização no contexto iraniano, como Franz Fanon e Patrick Lumumba. Esteve preso em diversas ocasiões durante o regime dos Pahlavi, até finalmente se exilar na Inglaterra, onde faleceu. Produziu diversos livros e focou na sociologia da religião, considerando a matriz islâmica na conformação de uma estrutura social e no debate sociológico.
- ¹⁷ NE. Connell, Raewyn. 1985. “How to supervise a PhD”, *Vestes: Australian Universities Review*, v. 28 n. 2, pp. 38-41; Connell, Raewyn. 2012. “On doctoral education: How to supervise a PhD, 1985-2011”, *Australian Universities Review*, v. 54. n. 1, pp. 5-9. Podem ser consultados pelo website www.aur.org.au.

Referências bibliográficas

Publicações de Raewyn Connell em português

CONNELL, R. W.

- 1990a “A caixa preta do hábito nas asas da história”, *Teoria & Educação*, n. 1, pp. 45-64.
1990b “Como teorizar o patriarcado?”, *Educação & Realidade*, v. 15 n. 2, pp. 85-93.
1992 “Política educacional, hegemonia e estratégias de mudança social”, *Teoria & Educação*, n. 5, pp. 66-80.
1995a “Justiça, conhecimento e currículo na educação contemporânea”, in HERON DA SILVA, Luiz & AZEVEDO, José Clóvis de (eds.), *Reestruturação Curricular*, Petrópolis, Vozes.
1995b “Políticas da masculinidade”, *Educação & Realidade*, v. 20 n. 2, pp. 185-206.
1995c “Pobreza e Educação”, in GENTILI, Pablo (ed.), *Pedagogia da Exclusão*, Petrópolis, Vozes, pp. 11-42.
2010 “Bons professores em um terreno perigoso: rumo a uma nova visão da qualidade e do profissionalismo”, *Educação e Pesquisa: Revista da faculdade de educação da USP*, v. 36 n. especial, pp. 163-182.
2012 “A iminente revolução na teoria social”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 80, pp. 9-20 (Tradução João Maia).

CONNELL, R. W.; ASHENDEN, S. KESSLER & DOWSETT, G. W.

- 1995d [1982] *Estabelecendo a Diferença: Escolas, Famílias e Divisão Social*, 7ª edição, Porto Alegre, Artes Médicas.

Outras publicações citadas de Raewyn Connell

CONNELL, R. W.

- 1971 *The Child's Construction of Politics*. Melbourne, Melbourne University Press.
1983 *Which Way Is Up? Essays on Sex, Class and Culture*, Sydney, Allen & Unwin.
1985a *Teachers' Work*, Sydney, Allen & Unwin.
1985b “How to supervise a PhD”, *Vestes: Australian Universities Review*, v. 28, n. 2, pp. 38-41.
1991 “A thumbnail dipped in tar: or, can we write sociology from the fringe of the world?”, *Meanjin Quarterly*, v. 50 n. 1, pp. 37-47; also in *Social Analysis*, special issue “Postmodern Critical Theorising”, n. 30, pp. 68-76.



ENTREVISTA COM RAEWYN CONNELL

- 1997 “Why is classical theory classical?”, *American Journal of Sociology*, v. 102 n. 6, pp. 1511-57.
- 2000 *The Men and the Boys*, Sydney, Allen & Unwin; Cambridge, Polity Press; Berkeley, University of California Press.
- 2002 *Gender*. Cambridge, Polity Press; Malden, Blackwell Publishers (traduzido para o chinês, 2004; italiano e grego, 2006; japonês, 2008; sueco, 2009). A segunda edição do livro (2009) foi ampliada, recebendo o título de *Gender: In World Perspective*, Cambridge and Malden, Polity Press.
- 2005 [1995] *Masculinities*. Cambridge, Polity Press; Sydney, Allen & Unwin; Berkeley, University of California Press (traduzido para o italiano, 1996; alemão e sueco, 1999; espanhol, 2003; chinês, 2003; hebraico, 2009).
- 2007 *Southern Theory: The Global Dynamics of Knowledge in Social Science*, Sydney, Allen & Unwin Australia; Cambridge, Polity Press (traduzido para o sueco, 2011).
- 2008 “Bread and Waratahs. On the past, present and future of the Australian Left, in Overland”: <http://overland.org.au/previous-issues/issue-198/feature-raewyn-connell/>, acessado em outubro de 2012. Print Issue 198, Autumn 2010. Reproduzido em Connell, 2011.
- 2011 *Confronting Equality: Gender, Knowledge and Global Change*, Cambridge, Polity Press; Sydney, Allen & Unwin Australia.
- 2012 “On doctoral education: How to supervise a PhD, 1985-2011”, *The Australian Universities’ Review*, v. 54, Issue 1, National Tertiary Education Union.